



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço comemorativo da “Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade”

Porto Alegre-RS, 21 de agosto de 2004

Vocês sabem que o cerimonial precisa colocar as pessoas que vão falar depois do almoço, porque assim fica quem quer. Antes do almoço as pessoas são obrigadas a ficar e nem sempre é este um gesto democrático.

Mas eu vou economizar a nominata, citando o nosso governador Rigotto e sua esposa, o nosso querido prefeito e sua esposa, o nosso querido Israel Tevah e sua esposa e minha esposa sozinha lá na mesa.

Nós estamos vivendo um momento da humanidade, no qual nós não temos o direito de perder um novo alento, um espírito de fraternidade solidariedade que se apresenta na consciência dos seres humanos hoje.

Faz um ano que eu recebi os companheiros Israel e Daniel em Brasília, que foram conversar comigo a respeito do Sábado da Solidariedade. Eu tinha vindo aqui há uns três anos atrás e fiquei imaginando exatamente aquilo que o Israel disse aqui. Imaginem se as empresas que produzem alimentos resolvessem dar um sábado de alimento para distribuir nas comunidades mais carentes do país. Fiquei imaginando as crianças pobres poderem receber um refrigerante, sei lá, uma coca-cola, um guaraná, em um dia de solidariedade. Cheguei até a pensar num carro. Fiquei imaginando coisas. Como sonhar não é proibido...

Mas eu fiquei entusiasmado com a idéia, convoquei uma reunião, convoquei o companheiro Oded Grajew que, na época, trabalhava na minha assessoria especial. Hoje trabalha, mas sem estar no governo, o Tevah e o Daniel e começamos a discutir o que era possível fazer. Porque eu não acredito, piamente eu não acredito, que consigamos resolver o problema da miséria estabelecida no mundo, apenas pelo aparelho de Estado. Não acredito.



E se isso acontecer, vai demorar tantos anos que, possivelmente, nenhum de nós esteja vivo para ver.

Mas se a gente souber extrair o potencial de bondade, de companheirismo, de solidariedade que tem dentro de cada ser humano, nós poderemos fazer uma grande revolução neste nosso querido planeta Terra.

Eu acho que essa coisa da bondade é que nem petróleo, você tem que prospectar para extrair da pessoa aquilo que ela tem de bom. Eu digo sempre, não tem ninguém 100% bom e nem ninguém 100% ruim. Muitas vezes acontece, no nosso meio, de nós não gostarmos de uma pessoa, sem conhecer a pessoa, por ouvir dizer; ou alguém falou mal da pessoa e ela já vira nosso inimigo. E, de vez em quando, a gente gosta de pessoas que a gente não conhece. E acontece, às vezes que, aquele que a gente gosta e não conhecia, quando conhece deixa de gostar, porque o cara não é boa gente. E aquele que você não gostava, você passa a gostar, porque aquele é boa gente.

Então, se nós soubermos extrair do ser humano as coisas boas que ele tem para oferecer, e todo mundo tem um pouco para oferecer, a gente poderia fazer uma pequena grande revolução no comportamento do ser humano.

Eu participei dessa viagem ao Haiti. Eu, se vocês, aqui, gaúchos, tiverem proximidade com alguns dos jogadores que foram ao Haiti, precisam perguntar para eles como é que eles se sentiram no Haiti. Não vou citar nomes, mas alguns jogadores foram questionados logo que nós conversamos com a CBF da possibilidade de fazermos o jogo no Haiti. Nós mandamos uma equipe no Haiti para ver o campo e não tinha nenhuma condição, estava totalmente detonado. Mas mesmo assim nós íamos fazer o jogo. Então, algumas pessoas, porque sempre tem pessoas que, embora tenham o lado bom, mas sempre aflora mais o lado ruim, insinuaram para alguns jogadores que era perigoso eles irem jogar num campo de terra. O mais importante deles, o mais famoso, disse o seguinte: “olha, meu filho, eu aprendi a jogar bola num campo de terra, porque agora que eu já sei jogar, eu vou ter medo de jogar num campo de



terra”. Essas coisas não aparecem. Possivelmente, se ele tivesse feito uma crítica teria aparecido. Mas não aparece.

Eu penso que os jogadores brasileiros e a comissão prestaram um gesto de solidariedade que poucas vezes, no mundo, aconteceu. Naquele campo de futebol, havia 600 milhões de dólares correndo do lado brasileiro, é o que vale, mais ou menos, a nossa seleção individualmente. E aqueles meninos foram tomados de uma emoção e de uma solidariedade, porque eles sentiram no rosto do povo, na rua, e sentiram no rosto dos jogadores do Haiti. Vocês não imaginam a loucura para tirar fotografia. Todo mundo queria ficar ao lado dos mais conhecidos na imprensa, todo mundo queria ficar ao lado dos mais famosos. E eu fico imaginando a glória daqueles jogadores que jamais imaginaram chegar perto do Ronaldinho Gaúcho, do Roberto Carlos, do Ronaldo. Jamais imaginaram. Não passou pela cabeça deles.

É por isso que a imprensa divulgou uma frase que era um sentimento generalizado daquele povo pobre. Um cidadão disse: “bem, agora já posso morrer.” Por um gesto, um gesto de solidariedade, que foi feito para chamar a atenção do mundo sobre uma situação política em um país que tem 8 milhões de habitantes, em um país que 100 anos antes do Brasil conseguiu abolir a escravidão. Um país que derrotou o exército de Napoleão e um país que derrotou os americanos que ficaram de 1914 a 1934 lá. De repente, esse país é jogado ao abandono.

E nós fomos lá, já que o Brasil tem a força de paz. Aliás, quero que, sempre que vocês puderem, lembrem que a maioria da nossa Brigada que está lá, é de gaúchos, são meninos do Rio Grande do Sul, muitos torcedores do Grêmio. Não vi ninguém torcendo para o Caxias, viu Rigotto, mas vi muito torcedor do Grêmio e muitos do Internacional, com a camisa pendurada lá. E foi a partir dessa Brigada que nós tivemos a idéia de ir lá para chamar a atenção do mundo, porque, muitas vezes, as coisas não acontecem por, às vezes, faltar uma palavra, um gesto, um empurrão. Alguma coisa tem que



acontecer. Porque eu fico imaginando o que custa para o mundo desenvolvido, quatro ou cinco países decidirem dar um bilhão para resolver alguns problemas. Vocês sabem o que eles pediram para mim de ajuda? Eles querem que se mande técnicos para ensiná-los a plantar mandioca. Eles querem que se mande gente para ensinar à eles a fazerem rapadura.

São 400 mil habitantes morando em cima do lixo. São pessoas que não respeitam o meio ambiente. De vez em quando há crítica no mundo, de vez em quando é a ONG que critica porque lá não respeitam o meio ambiente. Eles não tem luz e nem gás, eles cozinham é com a lenha. Então não tem. Aquilo é a lei da sobrevivência.

Então, a gente fica imaginando quanto gestos nós poderíamos fazer de solidariedade. Quantos gestos, Rigotto? Nós, que temos mandato, que temos a importância de dirigir estados, Federação, municípios. Quantos gestos a gente poderia fazer? Nós passamos o tempo inteiro só analisando se tem dinheiro ou se não tem dinheiro. O tempo inteiro discutindo isso ou discutindo aquilo, como se apenas o dinheiro valesse para fazer as coisas. E a gente não utiliza o potencial financeiro que é o coração do ser humano, que é a solidariedade, que é a fraternidade. A gente não utiliza.

Pois bem, depois aquele encontro que nós fizemos com o Israel, nós fizemos um ato em São Paulo, esta semana, dia 9 de agosto, instituímos a Semana da Solidariedade. Eu até propus lá: nós vamos criar prêmios para as pessoas.

Por exemplo, nós temos as Metas do Milênio. As Metas do Milênio nem deveriam ser Metas do Milênio, porque eu acho até difícil 191 chefes de Estado irem às Nações Unidas e assumirem o compromisso de erradicar a extrema pobreza e a fome, atingir um ensino básico universal, promover a igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o HIV/AIDS, garantir a sustentabilidade ambiental, estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Ou seja,



isso aqui não precisaria nem fazer uma reunião da ONU, isso aqui é o mínimo que todo mundo sabe que tem que fazer. Mas como não é feito, tem que fazer.

Agora, o que nós estamos percebendo, pelos indicadores, é que muitos países andaram para trás. Não vão alcançar as metas. Então, o que nós vamos instituir, viu Tevah? Nós vamos ter que oferecer alguma coisa, fazer um chamamento ao quase seis mil prefeitos deste país e vamos estabelecer algumas coisas para incentivá-los a cumprirem as Metas do Milênio. Nós temos que criar – eu até citei lá no dia – uma espécie de Oscar, ou sei lá, um prêmio para a personalidade, para prefeito, para governador, para Presidente da República, ou seja, aquele que mais cumprir uma das metas, alguém pode cumprir a da educação, outro pode cumprir a da saúde. Mas o dado concreto é que se a gente não fizer nada, nós vamos chegar em 2015 e a situação vai estar pior.

Bem, eu acho que esse gesto que vocês fazem, meninos e meninas aqui do Grupo Tevah, é um gesto que merece muito mais do que essas condecorações que eu dei aí para o Tevah e para os funcionários.

Eu acho que merecem que nós olhemos com os olhos de lupa e nos perguntemos porque essas meninas e esses meninos, que são iguais a nós, ou iguais a outros milhões de brasileiros e brasileiras que tem por aí, resolvem dedicar um sábado, em que poderiam estar namorando – esse já trouxe a namorada, aqui. Esse já resolveu, mas a maioria não tem. Então, que poderia estar em casa namorando, que poderia estar indo passear no shopping, que poderia fazendo outra coisa. O que essas pessoas têm de especial? Essas pessoas dedicam um sábado inteiro por conta de ajudar alguém que eles nem conhecem. Não sabem se é branco, se é preto, não sabe se está doente ou não, só sabem que é uma pessoa que precisa mais do que eles. Ou seja, se eles tem 365 dias do ano para eles, e ainda tem seis horas em alguns anos, porque que não dedicar um dia para alguém.



O que vocês estão fazendo é mais do que um ato de solidariedade, vocês estão dando ao Presidente da República, ao governador do estado, ao prefeito de Porto Alegre, aos deputados, às autoridades, aos empresários aqui presentes, uma lição de vida, uma lição de comportamento. Vocês estão dizendo: é possível, se cada um de nós – eu espero, viu Nelson, que na próxima você me dê um dia de solidariedade para fazer propaganda, de graça, na televisão. É que nós podemos fazer muito mais. E eu acho que nós Tevah, a partir dessa experiência bem sucedida e extraordinária de vocês, eu acho que pode mudar algo.

O Oded é uma figura, ele é judeu igual a você, cheio de bondade para dar. Eu acredito porque eu acho que onde o Oded põe as mãos, as coisas funcionam. O Oded é teimoso. Não sei se é todo judeu que é teimoso, mas ele é teimoso. Então, na medida em que o Oded, mais um grupo de pessoas assumiram isso, eu penso que a gente vai poder, no ano que vem, na Semana da Solidariedade, a gente vai poder, quem sabe, ver dezenas de coisas como essas que nós estamos vendo, aqui, acontecer. Muitas vezes numa comunidade, as coisas poderiam ser feitas se a comunidade se reunisse. Não, mas é melhor ficar xingando o prefeito do que fazer.

Nós fomos educados culturalmente a achar que o Estado poderia fazer tudo. Nós participamos dessa educação de que o Estado pode fazer tudo. E não é verdade, nunca pode fazer tudo. A sociedade tem um papel importante, ela só tem que ser chamada.

Então, eu acho, Tevah, que é com muito orgulho que eu vim, aqui, hoje, prestar essa homenagem a você e aos trabalhadores e trabalhadoras. Quem sabe a Marisa saia daqui mais solidária e também crie a semana da solidariedade para o Lula “paz e amor”.

Mas eu acho que existem coisas na vida que deixam a gente feliz e que marcam a vida. Eu sou um ser humano que acredito na relação humana como a coisa mais importante que existe. Aliás, é o que nós levamos. Tem político



que acha que ele tem que passar para a história porque fez uma ponte grande, porque fez uma estrada grande, porque fez um túnel grande. Eu acho que isso qualquer um pode fazer. A diferença de um político é saber qual a relação que estabeleceu entre o Estado e a sociedade, entre o governo e a sociedade. É isso que marca uma administração.

Eu acho que a nós, Rigotto, Verle, está destinado estabelecer um novo jeito de fazer as coisas. Acreditar na sociedade, provocá-la, desafiá-la, porque as questões econômicas, no Brasil, estão mais ou menos resolvidas, Rigotto. Eu te falo de coração. Nós estamos numa situação em 2004, eu posso hoje dizer para vocês, olhando para a imprensa com a fisionomia límpida. Dizer para vocês: nós já garantimos o crescimento de 2004, estamos preparando 2005, ano em que continuaremos crescendo, sobretudo a partir do turismo, não é Walfrido? Mas nós vamos continuar crescendo.

Agora, o que nós queremos fazer com a economia? A economia não é um laboratório de teses que cada um que entra faz uma experiência. Se não der certo o povo arca com o prejuízo, porque é assim que acontece no Brasil. Ou seja, nós não queremos fazer uma experiência de que: “Ah, o Brasil vai crescer 10% este ano”. Ano que vem decresce 10. O ano que vem cresce cinco. No outro ano decresce. E nessas oscilações ninguém sabe para onde vão.

Então, eu estou achando que nós precisamos é ter um crescimento sustentável que seja 4%, que seja 4,5%, que seja 5%, que seja 3,5%. Mas que seja 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010 para que possamos nos programar e para que possamos recuperar o tempo perdido.

Então, se vocês analisarem, vão perceber. Nos últimos 30 anos, Tevah, o Brasil dobrou a sua população. De 1970; está lembrado da Copa do Mundo de 70?. Noventa milhões em ação. Ou seja, hoje nós somos 180 milhões. Significa que nós dobramos a população em 34 anos. Acontece que foram exatamente nesses 34 anos que nós tivemos períodos que nós chamamos de



década perdida, de década não sei das quantas. Ou seja, nós tivemos muitos anos de crescimento quase zero, até menos que zero.

Então, o que aconteceu agora? Foi acumulando essa dívida social que tem que se pagar para a sociedade. E tem gente como vocês, que fazem esse dia de hoje, possivelmente a prefeitura não tinha dinheiro, possivelmente o estado não tinha, para poder repor peças de cama, travesseiro ou coisas numa creche, num hospital ou num pronto-socorro.

Por isso meninos e meninas da Tevah, por isso meu querido Israel e sua esposa, Daniel. O Daniel ficou chateado ali porque o pai fica elogiando o filho. O pai tem obrigação de falar bem do filho, não é Israel? Mas eu quero dizer, do fundo do coração, ganhei meu sábado vindo aqui. Saio daqui achando que vale a pena a gente continuar acreditando no ser humano.

Muito obrigado. Que Deus abençoe vocês.